

boletim da arge

Associação dos Reformados da Galp Energia

N.º 15 – Fevereiro 2015 – Distribuição gratuita

EDITORIAL



José de Figueiredo Costa

Dizia José Saramago que a nossa maior tragédia é não saber o que fazer com a vida. É com este pensamento de angústia e ao mesmo tempo de desafio à tenacidade individual, que desejo a todos os associados e suas famílias, sinceros e renovados votos de um ano de 2015 recheado de felicidade.

Nesta fugaz passagem pelo mundo, cada um de nós vive a sua vida um pouco ao sabor do acaso, para muitos, do destino, consoante o estrato social da família que o gerou ou dos sarcófagos vivos que o protegem e idolatram, independentemente do seu valor e carácter. Daí o fundamento denso do pensamento de Saramago quando fala de "tragédia", como se ela constituísse o enigma da sustentação do conhecimento da própria vida, através do dilema que nos coloca do "que fazer com ela". É de facto um exercício interessante ao nosso posicionamento na comunidade onde estamos inseridos.

Defendo que o pleno da vida é feito de coisas simples, do mesmo modo que só o homem sábio sabe ser verdadeiramente simples. Por isso, a felicidade é tanto maior em nós, quanto melhor soubermos construir ou contribuir para a felicidade dos outros, seja qual for a dimensão em que nos situemos.

Todos os dias somos confrontados com a náusea da guerra, com atentados ignóbeis, com a morte em direto num qualquer canal de TV, com a cegueira abjeta dos fundamentalismos num faz de conta de convivências civilizadas. Perante tais aberrações, estas realidades de telejornal são tão normais, que já fazem parte da ementa do jantar. Na realidade somos apenas peões de um xadrez palaciano globalizado. Perante tais factos, há que procurar acima de tudo a positividade nenhuma felicidade que possamos encontrar, e calar alguma lágrima que nos dilacere a alma.

Que cada um de vós saiba fazer da sua vida um polo agregador de paz e tolerância. Estou certo que a nova Direção e restantes corpos sociais que agora começam a sua missão voluntária, tudo irão fazer para fortalecer ainda mais os laços de solidariedade entre todos os associados da ARGE e suas famílias. Só unidos podemos vencer as adversidades destes tempos difíceis, sensibilizando a GalpEnergia a continuar a apoiar as nossas iniciativas em prol dos mais carenciados. Pelo que de lá temos recebido, o nosso bom haja.

Por último, faço referência à nossa Assembleia Geral a realizar no próximo mês de Março e ao nosso Almoço anual. Desafio uma vez mais as nossas Delegações a colocarem no terreno todo o seu habitual empenho, tendente a uma participação dos associados tão alargada quanto possível.

NOTÍCIAS EM DESTAQUE



Presidente da Direcção
Elisabete Sequeira



Presidente da Mesa da AG
Paulo Faria



Presidente do Conselho Fiscal
Manuel Ramalhete

Separata

Convocatórias

Assembleia Geral Ordinária

Assembleia Geral Extraordinária

AGRADECIMENTO



No passado dia 27 de janeiro uma pequena delegação, em representação da recentemente eleita Direção da ARGE, foi apresentar-se e cumprimentar o Presidente da Comissão Executiva da Galp Energia, Sr. Eng. Manuel Ferreira De Oliveira.

A ARGE fez uma breve explanação da sua atividade tendo tido, como vem sendo hábito, uma receptividade muito calorosa por parte do CEO da GE, sempre atento e motivado relativamente ao tema da solidariedade social.

MENSAGEM DA PRESIDENTE



Elisabete Sequeira

Elisabete Sequeira

Iniciou-se, este ano, mais um ciclo de vida para a ARGE com a nomeação dos novos órgãos sociais para os próximos três anos.

A Direção, que foi renovada quase totalmente por impossibilidade dos anteriores membros continuarem em funções, dado terem atingido o limite de mandatos estatutariamente definido, compromete-se a prosseguir os fins da Associação, tendo-os assumido como lema orientador do trabalho que vai ser desenvolvido.

Estamos determinados a continuar o meritório trabalho feito pelas anteriores Direções, que souberam e conseguiram reativar a ARGE e fazer dela o que é hoje. O espírito de missão e o sentido de responsabilidade vão levar-nos a efetuar ações nos planos social, da solidariedade, cultural, informativo e recreativo, não esquecendo também que representamos e devemos defender os justos interesses dos associados reformados junto da Galp Energia e de outras entidades públicas e privadas.

Vamos esforçar-nos por conseguir aumentar o número de Associados, fortalecer este universo que tem como elo de união a Galp Energia e ainda privilegiar a informação para todos, através do nosso Boletim e do site da ARGE.

Para tudo isto esperamos contar com o contributo das Delegações que, localmente, irão dar a sua valiosa participação, e para as quais queremos deixar o nosso agradecimento por terem aceite o desafio para os próximos anos.

Esperamos também que a ARGE possa continuar a ter um diálogo deveras construtivo com a Galp Energia, que desde já agradecemos, e que gostaríamos de desenvolver.

Para os Associados uma palavra destinada a incentivar-vos a terem uma participação cada vez mais ativa na vida da Associação, que é de todos nós e para todos nós.

Da Direção podem contar com muito entusiasmo, dedicação e o desejo de cumprir os objectivos o melhor que soubermos e pudermos. Para vós formulamos os votos de um Bom Ano de 2015.

Contamos com todos.

SOLIDARIEDADE



Joaquim Moreira

Joaquim Moreira

Basta um pequeno gesto
No começo de mais um ano, a minha primeira palavra vai para todos aqueles colegas associados que se encontram doentes em casa, ou acamados em lares ou hospitais. Que tudo corra com a celeridade desejada, para que a saúde regresse às vossas vidas e a alegria seja uma realidade no seio de cada família.

Este ano o nosso país foi o escolhido para realizar o Ano Internacional do Voluntariado, evento que irá decorrer no início de Dezembro, e onde cada país enviará os seus representantes numa partilha de experiências cívicas e humanitárias, como sinal de alarme dirigido aos seus governantes, alertando para o ostracismo em que vivem milhões de seres humanos.

É no trabalho e na entrega voluntária de cada pequeno gesto, que reside a Solidariedade como semente universal para a construção da Paz.

Desde a sua fundação que a ARGE assumiu a Solidariedade como pilar central da sua atuação como missão, procurando acudir às situações mais urgentes de carência humanitária, quer na doença quer nas vertentes mais críticas do dia a dia de cada um. Não poupamos esforços de modo a proporcionar aos mais carenciados o conforto da palavra, o atenuar da solidão, o encontrar a melhor forma de resolver uma questão delicada, ter uma linha disponível vinte e quatro horas para atender quem de nós precisa, saber estar disposto a compreender o sofrimento do outro.

Volto a insistir no convite aos colegas com tempo disponível. Precisamos de mais braços que abracem a vontade de fazer o bem, num voluntariado assente num dever de partilha, sem esperar outra recompensa que não seja um sorriso como modo de agradecimento.

Acreditem que vale a pena ser voluntário na Solidariedade. Ficamos mais ricos em sensibilidade, mais felizes pela auto-estima de ajudar quem de nós precisa, e sobretudo mais empreendedores nas coisas mais simples da vida.

FICHA TÉCNICA

Boletim da Arge, N.º 15
Fevereiro 2015

Distribuição gratuita
Director: José de Figueiredo Costa

Colaboraram neste número:

Elisabete Sequeira
Joaquim Moreira

Manuel Ramalheite
Eduardo Pereira
Maria de Lurdes Patrício
António Tomé Martins
Pedro Paulo Faria
Helena Duarte
Fernando Rodrigues
Maruella Mirois

Tiragem: 2000 exemplares

Periodicidade: Trimestral

Propriedade e edição:
Associação dos Reformados da Galp Energia (NIPC
509485642) - Azinhaga da Cidade, Bl. A4, B.º C
1750-063 Lisboa

Composição e Impressão: Printipo - Industrias
Gráficas, Lda. - Estrada de Paço d'Arcos n.º 77,
Pavilhão 20, 2735-308 Cacém

ALMOÇO ANUAL DA ARGE NA
QUINTA DA BOUBÃ EM PATAIAS -
27 DE JUNHO DE 2015ALMOÇO DA EX-DIRECÇÃO
DE PRODUÇÃO DA REFINARIA
DE LISBOA

Realizou-se no passado dia 16 de Dezembro, no restaurante David da Buraca, o já tradicional almoço da ex-Direcção de produção da Refinaria de Lisboa, no qual estiveram cerca de 25 colegas que, directa ou indirectamente, estiveram ligados àquele importante sector.

Foi mais uma vez um salutar convívio onde todos puderam confraternizar e recordar velhos amigos que, na maior parte, só se veem nestes eventos.

ALMOÇO DE NATAL - DELEGAÇÃO NORTE



Realizou-se no dia 10 de Dezembro de 2014 o habitual Almoço de Natal dos Reformados da Zona Norte, nas instalações da Cantina, cedida para o efeito pela Direcção da Refinaria de Matosinhos.

Ficamos positivamente agradados com a elevada presença de Reformados e familiares (136), bem como os Presidentes da Direcção cessante Sr. Humberto Restolho e da Direcção actual D. Elisabete Sequeira e ainda dos Presidentes da Assembleia Geral cessante e da actual respectivamente Srs. Armindo José Telxeira e Pedro Paulo de Faria.

De salientar o excelente ambiente e convívio que aí se viveu, com a animação do Grupo Musical MUSIKOTAS que generosamente contribuíram para o efeito.

De lamentar, a refeição, que não esteve à altura do acontecimento e pela qual pedimos desculpa aos nossos associados, prometendo que para o ano será diferente.



ALMOÇO DE NATAL - DELEGAÇÃO CENTRO

No dia 17 de Dezembro realizou-se o almoço de Natal promovido pela Delegação Centro.

Cerca de três dezenas de associados estiveram presentes partilhando no restaurante Chimarrão do Parque das Nações alguns momentos de boa disposição resultante de reencontros de colegas que se revêm nestes eventos.

Contámos com a presença do Presidente da Direcção e alguns directores.

O coordenador da Delegação Centro desejou a todos voos de Boas Festas e um melhor 2015, onde se espera melhor justiça fiscal, nomeadamente no que concerne ao "Imposto" CES, que terá uma significativa redução em 2015.



FALECIMENTOS

NOME

Alfredo António Moreira Azevedo
 António Duarte Ferreira
 António João Dias Albano
 António Martins Pereira
 Fernando Alberto Oliveira Neves
 Fernando Figueira Vaz de Carvalho
 Fernando Paiva
 João Augusto Rodrigues Martins
 Joaquim da Cunha Martins
 Joaquim Ferreira Silva
 José Fernandes Moreira
 José Luis Malafaia Bacelar
 Luisa Maria Anunciação Norberto Silva
 Manuel Luis Rodrigues Pinto
 Maria Isabel Oliveira Delduque Costa Sena Lopes
 Maria Margarida Coelho e Campos Ghira
 Raimunda de Almeida Rodrigues Monteiro
 * Vitor Manuel Rego Silva
 Carlos Trigueiros da Costa

CONCELHO

São João de Ver
 Gafanha da Nazaré
 Amadora
 Meinedo
 Porto
 Barreiro
 Bobadela
 Sobreda da Caparica
 Matosinhos
 Albufeira
 Porto
 Porto
 Lisboa
 Palmela
 Matosinhos
 Lisboa
 Odivelas
 Matosinhos
 Carnaxide

DATA

14/12/26
 15/01/02
 14/10/26
 14/12/16
 14/11/16
 14/09/27
 15/02/17
 14/12/27
 14/11/14
 15/01/10
 14/12/19
 15/01/21
 14/11/23
 14/11/03
 14/12/12
 14/12/25
 14/11/14
 14/11/24
 15/01/28

ARTIGO DE OPINIÃO



Pedro Paulo de Faria

Ecos e outros reflexos

Será que nos queremos enganar?

A vitória do partido Syriza, na Grécia, foi vista por muitos como uma janela de esperança para o fim de uma austeridade devastadora e, por outros, como a mera vitória de um "slogan" sobre algo apetecível mas conducente, talvez, a males ainda maiores do que os sofridos até aqui pelos países da zona do Euro sujeitos a programas de assistência.

Podemos ler argumentos na defesa de uma ou outra das posições, conhecemos decisões do governo grego e assistimos a diversíssimas reacções.

No meio destes ecos, que não foram poucos, surgiu-me uma dúvida: será que nos queremos enganar quanto ao cerne das dificuldades? Vou tentar explicar-me, em muito poucas palavras, referindo-me ao que fomos conhecendo da realidade grega e ao que sabemos da realidade portuguesa.

Para começar, devo dizer que vejo a redução dos encargos das dívidas e a maior disponibilidade de dinheiro para investimento como medidas positivas para o crescimento da economia na zona Euro.

Parece-me, também, com base em factos bem conhecidos, que os processos de assistência até aqui aplicados visaram mais proteger os rendimentos dos credores do que a recuperação dos países assistidos.

Contudo, verifico que subsistem problemas quanto à maneira como poderão vir a ser aproveitadas as diversas medidas de apoio à economia ou à recuperação geral dos países com dificuldades, havendo, entre nós, uma tendência para se falar mais da hipocrisia dos credores e menos das fraquezas endémicas dos assistidos.

Será que o governo e o povo gregos vão começar a diminuir a generalizada corrupção, inverter a fuga aos impostos ou acabar com empregos e incapacidades fictícias?

Será que, entre nós, o combate à corrupção também vai ser uma realidade e os contratos em que o estado é esbulhado vão ser revertidos? Será que os grandes oportunistas, em lugares de influência nos partidos e em todo o aparelho do estado, vão deixar de actuar com grande à vontade e, ainda, com o apoio, explícito ou implícito, de uma vasta clientela constituída por pequenos oportunistas?

As coisas que estão mal são tantas que é de bom senso não ficar optimista quanto ao futuro imediato. Sem alterações de fundo nos modos de funcionamento das sociedades grega e portuguesa, já sabemos que o dinheiro disponibilizado poderá ser em boa parte desviado do bem colectivo e do eficiente implemento da economia. Isso já aconteceu quando entrámos para a União Europeia.

Um aspecto essencial da questão é, pois, o grande tamanho da parte podre da nossa comunidade e da grega, onde se encontram as pessoas que, numa oportunidade destas, tudo farão, sob a capa de investimentos nas mais diversas actividades, para se apropriarem de bens sem contrapartida produtiva a favor da sociedade.

Nestas condições, para fazer regredir a podridão, que nos empobrece a todos, julgo ser fundamental o empenho de cada um de nós numa acção cívica efectiva de combate ao oportunismo e à ilegalidade, de defesa do bem comum, de rejeição de candidatos a lugares políticos que escondam as dificuldades e não apresentem medidas concretas de ataque aos grandes males do nosso sistema. Dentro dessa ideia, penso que, nas próximas eleições legislativas, não valerá a pena votar em qualquer organização partidária que, por exemplo, não apresente soluções efectivas para os problemas do défice tarifário energético bem como das parcerias público-privadas, não diga como se regerá para diminuir o endividamento, não mostre como irá combater a ganância das instituições financeiras, não tenha já pronto um projecto de lei eleitoral que alargue a escolha para além dos blocos partidários, não exhiba claros projectos de lei de combate à corrupção e ao clientelismo, não publicite um programa objectivo de reforma do aparelho de estado tendente a melhorar o seu funcionamento no sentido do bem comum e da defesa dos cidadãos contra os desmandos, a incompetência ou a avidez de alguns.

Julgo, portanto, que nos enganaremos e seremos de certeza enganados se não nos empenharmos na acção cívica atrás referida.

ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL



Manuel Ramalheira

Com esta entrevista pretende-se dar a conhecer aos nossos associados quem são os elementos dos órgãos sociais, e qual foi o seu percurso na empresa. Embora muitos sejam conhecidos de alguns associados, isso nem sempre acontece, e mesmo quando acontece o conhecimento é muito superficial, o que resulta da dimensão da empresa e da sua dispersão geográfica. Hoje vamos saber um pouco mais do actual presidente do Conselho Fiscal da nossa Associação, Manuel Ramalheira.

Pergunta. O trabalho no que hoje é o grupo Galp Energia foi a sua primeira actividade profissional?

Resposta. Não. Após terminar a minha formação no antigo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, hoje ISEG, dediquei-me à actividade universitária, como assistente e para complementar a minha formação. Depois ingressei no antigo Ministério da Indústria (hoje Ministério da Economia), no Gabinete de Estudos e Planeamento, onde estive dois anos como técnico economista, trabalhando na Direcção de Estratégia e Modelos. Só depois ingressei na Petrogal, mantendo, embora a tempo parcial, a actividade universitária, no ISEG, onde ainda hoje sou professor.

P. Onde, como e quando começou a sua actividade no grupo hoje chamado Galp Energia?

R. Eu entrei para a Petrogal em Outubro de 1979, para a recém-criada Direcção Geral dos produtos Químicos. Eu entrei por convite e em certa medida por acaso, um bom acaso por sinal. Em 1977, era o Eng. Nobre da Costa Ministro da Indústria (curiosamente ele tinha sido presidente da SACOR, uma das empresas que deram origem à Petrogal), e fui chamado ao seu gabinete para participar como representante do Ministério da Indústria num grupo de trabalho para estudar a construção de um oleoduto, de petróleo bruto, entre Sines e Leixões. O projecto seria financiado pela NATO, e do grupo faziam parte também a Petrogal e militares do Estado Maior das Forças Armadas (o general Ramalho Eanes era na altura o chefe do Estado Maior). Note-se que na altura se vivia em plena guerra fria, USA-URSS e, em caso de um conflito bélico, um pipeline deste tipo era crucial, na medida em que as condições logísticas de abastecimento da Refinaria do Porto eram, como é sabido, muito precárias, e as refinarias portuguesas seriam fundamentais no abastecimento militar. Ainda bem que não houve conflito, mas também não houve

pipeline, mas a sua existência do pipeline seria agora muito útil. No grupo de trabalho conheci algumas pessoas da Petrogal, entre elas o Eng. Lopes Vaz, que tendo sido nomeado responsável da então recentemente criada Direcção-Geral dos Produtos Químicos, me convidou para trabalhar com ele e entrar nesse novo projecto.

P. E qual foi depois o seu percurso seguinte no grupo?

R. Depois em 1988, era o Eng. Pires Miranda Presidente da Petrogal, viria ser nomeado Director de Planeamento desta empresa, lugar que ocupei até 2000, altura em que a Petrogal, a GDP e a Transgás se fundiram para criar a Gal Energia. Viria ainda, entre outros, a ser Director de Relações Institucionais e de Desenvolvimento Sustentável, Director de Planeamento Estratégico e, o último cargo que desempenhei na Galp Energia, Director de Fusões e Aquisições. Desempenhei ainda cargos de administração em empresas afiliadas, tendo sido presidente da Soturis e da CLC.

P. Ao longo da sua carreira, quais projectos que tenham sido marcantes e que lhe tenham proporcionado grandes desafios profissionais.

R. Houve vários, todos eles muito marcantes, mas há um que eu gostaria de referir em primeiro lugar, embora cronologicamente não seja o primeiro. Esse projecto foi o chamado "Petrogal 2000", arrancou em 1995, quando chegou o Eng. Ferreira De Oliveira. Até essa altura a Petrogal era uma empresa cronicamente deficitária (tinha prejuízos todos os anos), desequilibrada no seu portfólio e muito endividada. Na altura, como director de planeamento, era o coordenador, trabalhava directamente com o presidente, Eng. Ferreira De Oliveira, mas tinha a colaboração empenhada de todos os órgãos da Empresa. Um verdadeiro trabalho de equipa. O projecto arrancou em 1995 e tinha um horizonte de 5 anos (1996-2000). Apenas duas notas: a partir de 1996 a Petrogal deu sempre lucros e os resultados superaram sempre as previsões constantes do plano; estabeleceu-se como target de longo no E&P atingir pelo menos 10% das necessidades de refinação, isto é, cerca de 30 000 barris-dia. Foi um assunto muito debatido, dado que não tínhamos produção. O certo é que esse desiderato foi conseguido, como hoje podemos confirmar, apesar do pessimismo de alguns na altura. Na minha opinião, com essa estratégia a empresa começou a mudar na direcção que hoje segue. Foi o seu ponto de viragem. Mas não posso esquecer outros grandes projectos, como sejam a primeira privatização, que envolveu a TOTAL (empresa petrolífera francesa) e a Petrocontrol (empresários portugueses) que embora não tendo corrido bem (a Total saiu em 1995) foi profissionalmente muito desafiante. Também o processo de criação da Galp Energia, no qual estive envolvido en-

quanto Director de Planeamento da Petrogal, uma das empresas fusionadas, foi um grande desafio. Houve muitos outros, mas penso que ficam para outra altura, pois o espaço é limitado. Estou a referir-me àqueles em que tive um envolvimento directo grande, mas houve outros igualmente interessantes em que estive menos envolvido.

P. E aspectos negativos, há algum que gostaria de referir?

R. A vida tem sempre aspectos positivos e negativos, importa é que os positivos sejam progressivamente dominantes e determinantes, pois é esse o sentido da evolução. Mas em geral aprende-se mais com os aspectos negativos do que com os positivos. O aspecto que considero mais negativo, mas que felizmente não se concretizou, foi a perspectiva estratégica de reduzir a Galp Energia a uma simples plataforma de distribuição, e a consequente alienação da actividade de exploração. Na altura lembrei-me do esforço que foi em 1995 lançar os alicerces para uma empresa com um portfólio equilibrado, que envolvesse também a produção de hidrocarbonetos.

Se tal tivesse acontecido, a Galp não seria o que é hoje, uma empresa integrada de energia. Mas felizmente que as coisas se recompuseram.

A QUEDA DO PREÇO DO PETRÓLEO



Tomé Martins

A queda expressiva do preço do petróleo nos mercados mundiais surpreendeu analistas e comentadores e posicionou o preço dos combustíveis num patamar bastante mais abaixo daquele a que os consumidores se habituaram.

A primeira análise sobre o impacto da baixa de preços é naturalmente na carteira das famílias que passaram a atestar os depósitos com menor esforço financeiro. A segunda análise é sobre o impacto da baixa dos preços na economia mundial. Desde logo forte impacto nas economias exportadoras de petróleo, como a Venezuela, Rússia, Irão, Angola, com economias fortemente dependentes das receitas da venda de petróleo. Os orçamentos destes países são fortemente atingidos por esta redução, levando naturalmente a uma forte contracção destas economias.

Começam a surgir notícias sobre a suspensão de projectos como o caso da Shell, que anunciou a suspensão de projectos

P. E como vê o papel da ARGE na actual conjuntura?

R. A ARGE, tal como está estabelecido no nosso Plano de Actividades, aliás decorrente dos seus Estatutos, tem como primeira linha de preocupações a promoção de acções nas áreas da solidariedade, informação, cultura e recreação que contribuam para o bem-estar e coesão dos seus associados e respectivas famílias; para além disso, representar e defender os legítimos interesses dos reformados da Galp Energia. No entanto, eu permito-me aqui lançar um outro desejo dos actuais corpos sociais: ser cada vez mais um parceiro da empresa Galp Energia para que esta possa melhor desempenhar as suas funções de responsabilidade social no que aos reformados diz respeito. Cada vez mais as empresas para além de células da actividade económica são também células sociais, e os reformados fazem parte dessa célula, pois foram o "cimento" que deu sustentabilidade aos alicerces da empresa que ajudaram a fazer dela o que é hoje. É por isso que queremos, com outro papel, é certo, contribuir para que a nossa empresa seja uma referência também nas práticas de responsabilidade social. Contem por isso com o nosso contributo. Nos tempos actuais, sobretudo quando o nosso país passa por grandes dificuldades resultantes do ajustamento económico que está a fazer, o nosso papel ganha uma responsabilidade acrescida. Esperamos ser dignos da confiança que os nossos associados depositaram em nós.

com a Qatar Petroleum no valor de 6.500 milhões de dólares. A Total já anunciou também a suspensão de projectos. O impacto nos EUA pode atingir os projectos em desenvolvimento no que concerne ao investimento no petróleo do xisto (shale oil) e a exploração nas areias betuminosas.

A memória regista situação similar em 1986, ano em que a Arábia Saudita resolveu descer o preço para conquistar quota de mercado. Os preços mantiveram-se baixos durante período de tempo significativo.

Então a que se deve esta queda? No dia 11 de Abril de 2011 a revista Time apresentava uma pedra na capa e colocava o seguinte título por cima: This rock could power the world, isto é: esta pedra pode fornecer o mundo. Os EUA por esta via ganhavam autonomia e revolucionavam o mercado do petróleo reduzindo ou eliminando a sua tradicional dependência. Todavia uma queda expressiva do preço do petróleo pode dificultar, quiçá inviabilizar esta produção.

A produção de algumas dezenas destas instalações têm actualmente a sua actividade suspensa.

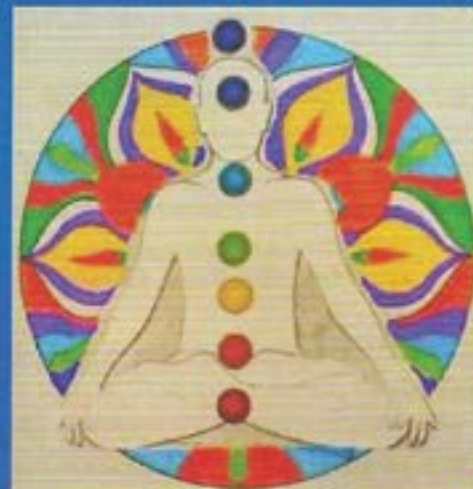
A actual cotação do preço do petróleo (à data deste artigo) entre os 50 e os 60 UDD/bbl conseguirá dificultar esta produção? Esta uma dúvida que o decorrer de 2015 poderá clarificar.

NOVOS ASSOCIADOS EFECTIVOS

| Nome | Nº Assoc. | Nº Mec. |
|--|-----------|---------|
| António José Chalmique Chagas | 2861 | 42056 |
| António Jesus Nelas | 2862 | 90247 |
| Lourival Tavares Outeiro | 2863 | 15881 |
| Maria de Las Mercedes González | 2864 | 30481 |
| Maria de Lurdes Teixeira Mendes | 2865 | 75051 |
| António Morgado de Carvalho | 2866 | 69833 |
| Olinda José Nogueira Azeitona | 2867 | 115355 |
| António Hermínio de Sousa Nunes | 2868 | 108847 |
| Deolinda Teixeira Meireles | 2869 | 935565 |
| José Barros | 2871 | 8931 |
| Ana Maria Cunha Santos Rodrigues Lopes | 2872 | 79480 |
| Maria Ludovina Cardoso Lopes | 2873 | 79499 |
| Helena Maria Cunha Guimarães Carneiro | 2874 | 87068 |
| José Manuel Rocha Paiva | 2875 | 79227 |
| Maria Teresa Seabra Sardo Calhancas de Azevedo | 2876 | 113603 |
| João Manuel dos Reis Sanches | 2877 | 96032 |
| António Fernandes Vinhas de Oliveira | 2878 | 87416 |
| Rogério Ferreira Dias | 2879 | 93866 |
| João Lourenço Dias | 2880 | 61484 |
| Maria Luisa Jesus Alves Gonçalves | 2881 | 83879 |
| João José Deus da Silva | 2882 | 96172 |
| Ana Maria Santos Ferreira | 2883 | 88161 |
| Manuel Broco de Jesus | 2884 | 25135 |
| António Luís Monteiro Jeremias dos Santos | 2885 | 69825 |
| José Carlos Moutinho Batista | 2887 | 122114 |
| Gonçalo Murteira Machado Monteiro | 2888 | 835838 |
| João Alexandre Santos Nunes | 2889 | 69604 |
| José Dias | 2890 | 78212 |
| Henrique Rebelo Teixeira | 2891 | 44075 |
| Helena Maria Monteiro Fonseca Soares | 2892 | 93106 |
| Filipe Gustavo Rodrigues Sequeira | 2893 | 151530 |
| Abel Barros Pimenta | 2894 | 98914 |
| José Manuel Pinheiro Rocha | 2895 | 100161 |
| Fernando Rodrigues Lopes | 2896 | 85669 |
| Maria de Lurdes Santos de Oliveira Pinto | 2897 | |
| Alcides Serra da Silva Nunes | 2898 | 108650 |
| Luis Fernando Sousa Rodrigues Firmino | 2899 | 95370 |
| João Paulo da Silva Oliveira | 2900 | 94854 |

NOVOS ASSOCIADOS AGREGADOS

| | |
|--------|--|
| A-0040 | Maria Augusta Bento Aroeira Gonçalves |
| A-0041 | Rui Fernando Miguel Alves |
| A-0042 | Maria Luz Salva Santos Martins |
| A-0043 | Rosa Maria Barbosa Gonçalves Pereira |
| A-0044 | António Silva Reis |
| A-0045 | Fernando João Gonçalves da Silva |
| A-0046 | António Manuel Fernandes |
| A-0047 | Anércio da Costa Rodrigues |
| A-0048 | José Fernando Faustino da Costa Carvalho |
| A-0049 | Gina Maria Soares Vilhena |
| A-0050 | José António dos Santos Dias |



ANA BARRETO TÉRAPIAS

Tlm.: (+351) 967 324 143

E-Mail: abterapias@gmail.com

arge

CAMPANHA DE NOVOS ASSOCIADOS

Caso associado

Agradecemos o seu esforço para oferecer mais um Sócio à nossa ARGE. Desta forma está a contribuir para consolidar uma força que se pretende cada vez mais forte.

**SÓ MUITOS SEREMOS FORTES.
SÓ SEREMOS FORTES SE FORMOS MUITOS.**